



Congresso Internacional de Filosofia: debate de idéias e cidadania

VIII Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia: Filosofia, formação docente e cidadania

De 14 a 16 de maio de 2008 - Caxias do Sul - RS

AS IMAGENS E A HERMENÉUTICA FILOSÓFICA: UMA NOVA PERSPECTIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Adriane Melara

Acadêmica do Curso de Educação Especial da UFSM. Bolsista de Iniciação Científica
BIC/FAPERGS.
drikka_mel@yahoo.com.br

Eliane de Oliveira Rodrigues

Acadêmica do Curso de Educação Especial da UFSM. Bolsista de Iniciação Científica
PIBIC/CNPq.
lility555@gmail.com

Amarildo Luiz Trevisan

Orientador. Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação do CE/UFSM e
pesquisador do CNPq
amarildoluiz@terra.com.br

Resumo: Esta reflexão parte de um trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação (www.ufsm.br/gpforma). Pretende-se abordar a questão da alfabetização visual como uma proposta que possa contribuir para as práticas de formação tanto inicial quanto continuada de professores visando novos modos de percepção nas práticas escolares, formando indivíduos críticos, participativos, abertos ao diálogo. Busca-se realizar um trabalho conjunto em que à aprendizagem seja recíproca, ocorrendo uma troca de saberes e experiências. Nesta perspectiva, debatemos sobre a indústria cultural e os potenciais que a alfabetização visual pode proporcionar, colaborando com o agir pedagógico numa perspectiva de integração social e alteridade. Neste viés, a investigação tem como enfoque metodológico à **hermenêutica filosófica**. A pesquisa propõe uma hermenêutica do conceito de estetização do mundo da vida, recuperando as raízes históricas do termo de maneira reconstrutiva e crítica, num movimento de expansão dessa totalidade em direção a novos horizontes interpretativos. Tendo como foco estas possibilidades, são desenvolvidas oficinas pedagógicas, acompanhadas de leituras, com imagens, mini-cursos, publicações e palestras com os professores, objetivando o refinamento do gosto estético dos envolvidos, diante dos diferentes tipos de imagens produzidas pela industrialização da cultura. Visando à relação comunidade - universidade que levam reflexões sobre a atualidade para o campo da práxis pedagógica. Por esse viés, acredita-se restaurar, pelo agir comunicativo, possibilidades de uma abertura ao descondicionamento mercadológico e da racionalização, em favor de um agir questionador e autônomo. Após inúmeras atividades desenvolvidas entre universidade/escola verificou-se que a escola não pode permanecer intacta diante das transformações ocorridas nas formas contemporâneas de expressão. Os resultados alcançados mostram que a cultura de imagens influencia na constituição de conhecimento e que a mesma possibilita auxiliar nas práticas de ensino. Após várias atividades desenvolvidas entre instituição e escola, defendemos que a educação não pode permanecer inoperante frente às novas atitudes de expressão da

sociedade contemporânea, que em determinados momentos cria formas de exclusão. Apostamos que através de discussões e leituras de imagens culturais, podemos contribuir com a potencialidade da comunicação tanto formativa, quanto estimuladora de um modo diferente de ensinar e aprender. Esta reflexão evidenciou, portanto, a necessidade de viabilizar a discussão acerca de uma pedagogia inserida num viés dialógico, que possa provocar um novo olhar ao educando, proporcionando o aprimoramento do gosto estético, frente aos distintos tipos de manipulação produzidos pela industrialização da cultura.

Palavras-chave: Formação continuada, Hermenêutica Filosófica e Imagens

Considerações Introdutórias:

Atualmente existem inúmeras discussões sobre cultura, especialmente se referindo ao contexto educacional, em função da crise em que a sociedade atual se encontra. Vive-se num mundo capitalista, em que as ilusões e perspectivas produzidas pela publicidade e mídia provocam um ceticismo em suas expectativas e probabilidades reais de ação e vivências. A sociedade está estabelecida de uma humanidade marcada e amparada na competição e ausência de solidariedade, provocada, por parte, pelo abuso de consumo e grande fluxo de informações que conduzem as performances.

Frente a estes bombardeios de artifícios cabe a educação uma constante renovação e qualificação, alterando as formas de ensino e mantendo uma aprendizagem constante. Neste sentido, a investigação tem como enfoque metodológico à **hermenêutica filosófica**. A hermenêutica é uma abordagem que serve para nos lembrar os compromissos históricos assumidos pela Filosofia desde o seu surgimento, especialmente no sentido de phronesis, que significa, antes de tudo, amor ao equilíbrio e ao senso de medida. A pesquisa propõe nesse sentido uma hermenêutica do conceito de estetização do mundo da vida, recuperando as raízes históricas do termo de maneira reconstrutiva e crítica, num movimento de expansão dessa totalidade em direção a novos horizontes interpretativos.

É nesse sentido que o Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação (GPFORMA), da Universidade Federal de Santa Maria, através dessa abordagem, pretende discutir a idéia de que o próprio discurso da formatividade humana deveria passar por um processo de autotransformação de sentido, para auxiliar na formação da opinião pública, habilitando assim o campo educativo a decodificar, entender, e se possível, colaborar criticamente na produção de uma nova linguagem na

contemporaneidade. Tendo em vista a questão da alfabetização visual como uma proposta que possa contribuir para as práticas de formação tanto inicial quanto continuada de professores apontando novos modos de percepção nas práticas escolares, formando indivíduos críticos, participativos, abertos ao diálogo. Busca-se realizar um trabalho conjunto em que à aprendizagem seja recíproca, ocorrendo uma troca de saberes e experiências. A pluralidade social vigente e as estratégias do sistema capitalista exigem novos posicionamentos nas técnicas pedagógicas, bem como nos desempenhos diários.

Parte-se do princípio que estes artifícios podem ser usados de maneira formativa no ensino, auxiliando na formação cultural dos alunos e professores. Podendo ser elementos para o desenvolvimento de mentes informadas de que na atualidade um dos principais instrumentos utilizados pelas estratégias do mercado é a imagem do espetáculo, presente no mundo da vida como forma de influenciar os comportamentos e opiniões dos indivíduos. Neste viés, debatemos sobre a indústria cultural e os potenciais que a alfabetização visual pode proporcionar, colaborando com o agir pedagógico numa perspectiva de integração social e alteridade.

Focalizando estas possibilidades, são desenvolvidas oficinas pedagógicas, seguidas de leituras, com imagens, mini-cursos, publicações e palestras com os professores da rede pública de ensino e com alunos de diferentes cursos do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, objetivando, portanto, o aprimoramento do gosto estético dos mesmos, diante dos inúmeros tipos de imagens produzidas pela industrialização da cultura. Visando à relação comunidade - universidade que levam reflexões sobre a atualidade para o campo da práxis pedagógica.

Dessa forma, constata-se que uma nova realidade precisa ser levada em consideração atualmente pelos filósofos e educadores na produção de suas teorias sobre educação: a estetização do mundo da vida. O sistema de ensino atualmente se depara com a realidade de um mundo impregnado de sons e imagens, isto é, um ambiente ocupado ou dominado por uma inflação de informações de todos os tipos, formas e cores. Dentro desse contexto surgem alguns questionamentos sobre a necessidade de novos posicionamentos nas técnicas pedagógicas, bem como nos desempenhos diários. E a partir disso defendemos que o ensino não pode permanecer inoperante frente às novas atitudes de expressão da sociedade contemporânea.

A formação no contexto de estetização do mundo da vida

Em relação ao bombardeio de informações existe uma conhecida ambivalência na Escola de Frankfurt. Pois, Walter Benjamin acreditava no poder dialético dos modos coletivos de recepção, como a fotografia e o cinema. Para ele, a reproduzibilidade das técnicas permitiria a assunção da arte politizada, enquanto para Adorno essa tendência era ameaçadora e constituía um prenúncio à barbárie. Na reflexão filosófica, percebe-se que as idéias coletivas resultam da dinâmica do conceito de opinião, produzindo uma racionalização no plano da ação coletiva que chamamos de ideologia. Em geral, o indivíduo pode exercer a reflexão em sua opinião, desde que não a enrijeça de tal modo que se torne uma doutrina. Assim,

quando um campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias, sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação, cada uma delas isolada, coloca-se em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove a formação regressiva. Esse duplo caráter da cultura nasce do antagonismo social não conciliado que a cultura quer resolver, mas que, como simples cultura, não dispõe desse poder (Adorno, 1996, p. 390).

Habermas não tem uma resposta mais imediata a essas preocupações, pois ele reconhece que não desenvolveu uma teoria estética suficiente. Ele introduz o conceito de mundo da vida no campo de uma teoria de comunicação. Ao atuar comunicativamente os indivíduos estão amparados por um saber presente no horizonte do mundo da vida que lhes dão os recursos para os processos de interpretação em situações de ação. O mundo da vida traz um saber não-temático, pré-reflexivo, ou seja, não problematizando proveniente das experiências, convicções e aprendizagens impressas na cultura. Neste sentido ele afirma:

Podemos imaginar os componentes do mundo da vida, a saber, os modelos culturais, as ordens legítimas e as estruturas da personalidade, como se fossem condensações e sedimentações dos processos de entendimento, da coordenação da ação e da socialização, os quais passam através do agir comunicativo, que ocorre através das comportas de tematização e que torna possível o domínio de situações, e que constitui o estoque de um saber comprovado na prática comunicativa. (...) A rede da prática comunicativa cotidiana espalha-se sobre o campo semântico dos conteúdos simbólicos, sobre a dimensão do espaço social e sobre o tempo histórico, constituindo o meio através do qual se forma e se reproduz a cultura, a sociedade e as estruturas de personalidade (HABERMAS, 1990, p. 96).

Para reverter aquilo que Habermas denomina de “o processo de colonização do mundo da vida” confiamos que não basta à educação trabalhar a formação enrijecida da modernidade, mas ao mesmo tempo é insuficiente continuar na futilidade das imagens

que conduzem os objetos midiáticos hoje. O mundo de imagens pode servir como elo de comunicação com o mundo da vida, pois ele permite o privilégio de estar em diferentes tempos e lugares ao mesmo tempo. Esse solo comum a todos não é desprovido de sentido, se soubermos cultivá-lo ou fertilizá-lo com o poder reflexivo procedido da decodificação das imagens, signos, símbolos e ícones da cultura.

A imagem incide num suporte de representação que consolida um fragmento do universo perceptivo, constituindo um conjunto de estímulos visuais. Exterioriza fenômenos intersubjetivos que se concretizam em gestos, formas, agenciamentos culturais, entre outros. A imagética é vista como entrelaçamento do mundo cultural e os novos dispositivos da comunicação de massa, que arquitetam um real interativo e manipulável pelo percurso das telas e eventos do cotidiano, constituindo um mundo da vida estetizado. O impacto dessas mudanças no mundo da cultura é de tal ordem que não se tem mais clareza conceitual sobre as fronteiras entre arte, não-arte, espetáculo ou artifício. Nesse sentido, entende-se a análise de Benjamin sobre a fantástica proliferação de processos de reprodução de produtos, de textos e de informações que levam à clonagem ou imitação da obra de arte e, consequentemente, à perda de sua aura. Benjamin procurava encontrar formas de redenção do processo formativo e, ao mesmo tempo, se opor à totalidade coercitiva da racionalidade instrumental. A esperança na revolução socialista, como emancipação do gênero humano, levou Benjamin a considerar, desse modo, favoravelmente a idéia de politização da arte, como processo de democratização da cultura, como direito de acesso às obras artísticas por toda a sociedade e, especialmente, pelos trabalhadores.

Já Adorno sustentava uma posição oposta, ao defender que a arte autônoma do alto modernismo ainda tem uma função ímpar, como refúgio ao mundo administrado, no sentido colaborar para abrir a mente humana a instâncias da sensibilidade.

A posição habermasiana vai em direção a considerar que existe uma semelhança ou correspondência entre uma ordem estética complexa, autônoma, abstrata e racionalizada (os ganhos da modernidade que Adorno queria garantir a todo custo) e o contexto comunicativo, presente no mundo da vida (para o qual Benjamin chamava a atenção), de onde emergem e deveriam retornar as experiências da arte autêntica. Acentua que o movimento iniciado por Benjamin tem como objetivo reforçar o papel de destrancamentalização da arte, isto é, retirá-la das alturas esotéricas para situá-la mais em contato com o mundo da vida. Desse modo, surgem algumas indagações: o lugar habitado pela mimesis da arte não é incompatível com o mundo cotidiano? A *mimesis*

estética é uma forma complementar ou ampliada da racionalidade discursiva? É possível estabelecer mediações construtivas entre as esferas da prática sistêmica e do mundo da vida, mantendo a autonomia dos campos da razão?

Com a resposta a esses questionamentos tem-se a intenção de discutir a construção de ações comprometidas com a formação pedagógica, direcionadas para o refinamento do gosto estético diante das imagens produzidas pela industrialização da cultura. Desse modo, a investigação procura contribuir com as premissas da educação que se envolve cada vez mais com o elemento estético-cultural e averiguar *as possibilidades da opinião pública crítica tomar parte mais ativa no debate da formação pedagógica do professor e nas práticas em sala de aula*. A partir de uma leitura reflexiva e filosófica de tal cultura, ele pode valorizar a alteridade no sentido estético e ético da vida, refletindo sobre o seu uso intencional e funcional. E isso auxilia a repensar seus conceitos e atitudes frente ao mundo que se apresenta, estabelecendo e construindo novos valores para a relação social. Por intermédio do uso educativo dos conceitos e imagens do mundo da vida, a educação passa a ser contribuinte do processo de formação interpretativa e transformadora da realidade, promovendo as dimensões da criatividade e criticidade, colaborando nos processos de aperfeiçoamento dos debates da esfera pública.

Educação com Imagens

Uma das fundamentais peculiaridades da sociedade moderna é a pluralidade das formas de conhecer a realidade, determinando o aparecimento de novas formas no processo de constituição do conhecimento, o que implica na reavaliação dos métodos educativos atuais e das consequências da diversidade de experiências trazidas pelo desenvolvimento das novas configurações tecnológicas e pela cultura do consumo na constituição da subjetividade.

O trabalho realizado pelo grupo GPFORMA parte da cultura da imagem no mundo contemporâneo, como uma contribuição proeminente e emergente para outra forma de refletir a prática educativa. Assim, uma imagem difundida pela mídia pode ser um meio para trabalhar algumas matérias em sala de aula, ponderando a subjetividade de cada aluno. Dessa forma o uso de imagens nas práticas pedagógicas, tanto as produzidas pela formação cultural quanto aquelas produzidas e veiculadas pelas mercadorias culturais podem conduzir para desencadear formas particulares de

concepção e de intervenção crítica na realidade ao qual o indivíduo está inserido. Isso acaba fazendo com que o mesmo repense suas opinião e atitudes frente ao mundo que se apresenta, estabelecendo e construindo novos valores para a relação social e a harmonia entre os homens. Os processos discursivos determinam o sentido investigativo da educação nesse entendimento, proporcionando a compreensão intersubjetiva dos fatos, sem estabelecer verdades absolutas ou inquestionáveis. Nessa proposta, a educação passa a ser contribuinte do processo de formação interpretativa e transformadora da realidade, libertando os sujeitos da razão produtivista.

Assim vale ressaltar que após várias atividades desenvolvidas entre instituição e escola, defendemos que a educação não pode permanecer inoperante frente às novas atitudes de expressão da sociedade contemporânea, que em determinados momentos cria formas de exclusão. Apostamos que através de discussões e leituras de imagens culturais, podemos contribuir com a potencialidade da comunicação tanto formativa, quanto estimuladora de um modo diferente de ensinar e aprender. A formação de um pensamento crítico e autônomo é essencial frente a um mundo dominado pelas imagens culturais. Esta reflexão evidenciou, portanto, a necessidade de viabilizar a discussão acerca de uma pedagogia inserida num viés dialógico, que possa provocar um novo olhar ao educando, proporcionando o aprimoramento do gosto estético, frente aos distintos tipos de manipulação produzidos pela industrialização da cultura.

Considerações finais:

Através da abordagem hermenêutica, discutimos a idéia de que o próprio discurso da formatividade humana deveria passar por um processo de autotransformação de sentido, para auxiliar na formação da opinião pública, habilitando assim o campo educativo à decodificar, entender e, se possível, colaborar criticamente na produção da nova linguagem da contemporaneidade. E isso leva à necessidade de uma reformulação da Pedagogia, compreendida não mais no já paralisado debate se essa área do conhecimento é tributária das contribuições da ciência ou da arte, e sim a constituição de um saber mais transigente e comprometido com a reflexão sobre a cultura de imagens. Constatado-se que a pluralidade social vigente e as estratégias do sistema capitalista exigem a necessidade de refletir sobre possíveis alternativas e novos posicionamentos nas práticas pedagógicas por intermédio da estética e da hermenêutica

filosófica. Por esse viés, acredita-se reconstruir, através do agir comunicativo, possibilidades de uma abertura ao descondicionamento mercadológico e da racionalização, em favor de um agir crítico, questionador e autônomo.

A investigação evidenciou, portanto, a necessidade de viabilizar a discussão acerca de uma pedagogia inserida num viés dialógico, que possa provocar um novo olhar ao educando, proporcionando o refinamento do gosto estético, frente aos diferentes tipos de manipulação produzidos pela industrialização cultural. Assim, a educação do olhar e a decodificação das imagens da cultura, pela via da hermenêutica comunicativa, podem contribuir para despertar o indivíduo, facilitar o convencimento de que ele é destinatário de mensagens, e atribuí-las a uma experiência mais enriquecida de sentido, com exigências produtivas mais comprometidas com os valores humanistas.

Referências Bibliográficas:

- ADORNO, T. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. (Org.). **Comunicação e indústria cultural**: Leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade. São Paulo: Cia. Editora Nacional – Ed. da USP, Série 2^a, V. 39, 1971.
- _____. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.
- _____. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reproducibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **Mimesis e racionalidade**: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno. São Paulo: Loyola, 1993.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar Ed.1993.
- FREITAG, B.; ROUANET, S. P. Introdução. In: _____. (Orgs.) **Habermas**. Col. Grandes Cientistas Sociais. Vol. 15. São Paulo: Ática, 1993.

GADAMER, H.-G. **Estética e hermenéutica.** Introdução de Ángel Gabilondo; Tradução de Anonio Gómez Ramos. Madrid: Ed. Tecnos, 1998.

HABERMAS, J. **A ética da discussão e a questão da verdade.** Trad. Marcelo Brandão Cippola. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Pensamento pós-metafísico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.